

# Arinos não sabia dos 33 nomes

José Dullio

O jurista Afonso Arinos negou ontem desconhecer uma lista de 33 nomes que o presidente Tancredo Neves teria escolhido pessoalmente para compor a Comissão Constitucional, com a inclusão de seu próprio nome e de outros juristas de reconhecida competência e representantes da sociedade brasileira. "Não sabia que o presidente tinha elaborado uma lista. Tancredo nunca me disse", afirmou. Referindo-se à possível alteração da lista ele observou que trata-se de sua jurisdição e que nada se fará neste sentido "sem que eu não esteja de acordo. Mas eu estou de acordo com o presidente José Sarney". Sobre a colocação de um índio na Comissão: "Não. Porque aí é uma coisa que o Juruna vai ficar safado da vida. E eu gosto muito do Juruna", declarou.

O jurista esteve em Brasília a convite do governador José Aparecido de Oliveira, para tomar parte na cerimônia de tombamento da árvore Buriti, realizada na praça do mesmo nome, em frente ao Palácio.

Após a cerimônia ele concordou falar com alguns jor-

nalistas sobre a proposta de convocação da Assembléia Nacional Constituinte, embora afirmando que já tinha falado tudo.

Sobre a convocação da Constituinte pelo Legislativo, Afonso Arinos explicou: Se o Legislativo foi convocado, ele opina como poder Constituinte. Pois se ele está emendando a Constituição para fazer isso, ele não é mais Legislativo. É Constituinte naquele ato. Ele é Legislativo, mas nos momentos em que ele está emendando a Constituição, ele passa a ter poderes superiores ao Legislativo.

Afonso Arinos reagiu à colocação do deputado Nelson Marchezan que isso derrubaria a tese de que o ato de convocação da Constituinte pelo presidente da República seria um golpe. "Não entro nas teses dos outros. Não sou bobo. Quer dizer, eu tenho minhas reações quando me provocam. Mas eu não provooco ninguém. Viu, eu sou mineiro". (risos)

Arinos confirmou que conversou com Fernando Henrique Cardoso sobre a comissão constitucional: "Eu conversei com ele. Gosto muito dele. Eu pedi para que ele fosse o vice-presidente porque sendo

ele vice-presidente da Comissão e líder do Congresso, teria uma fonte permanente de circulação. Depois não conversamos mais. Foi uma conversa preliminar".

Ainda sobre a composição da lista que ele entregou a Sarney: "Eu não posso revelar, pois se alguns nomes forem excluídos por Sarney, ficam numa situação desagradável perante mim. Se o presidente retirar um nome, essa pessoa vai ficar magoada, não comigo mas com eles", observou.

Quanto à criação e o funcionamento o jurista observou que a Comissão não está criada ainda. "Ela só vai ser criada pelo presidente. E decreto dele. Esse trabalho hoje é o resultado de uma posição do governo. Eu quero que me entendam: o presidente Tancredo me convidou em nome do governo e o presidente Sarney reiterou o convite em nome do governo, de maneira como eu ia conversar com o presidente Tancredo vou conversar com o presidente Sarney. Agora, a comissão pode ser criada em junho. O presidente só me falou que o decreto só sairia provavelmente em junho. O decreto de criação e não de composição", disse Afonso Arinos.

Ele revelou que a comissão tanto pode funcionar aqui como no Rio de Janeiro. Aqui, no prédio da Fundação Getúlio Vargas. O local que serviu de escritório do Tancredo. No Rio, por uma questão sentimental. Eu gostaria de trabalhar nos fundos do Palácio Itamaraty porque lá tem uma biblioteca, uma imensa sala de comissão, uma sala enorme de conferências, e foi lá que meu pai reuniu a comissão de 1934. Uma coisa puramente sentimental, observou.

"Eu disse que a iniciativa do presidente deveria ser submetida ao Legislativo. A questão é a seguinte: antigamente o presidente não podia apresentar emendas à Constituição. Hoje, pode, pelo texto constitucional. Se o Legislativo tomar a iniciativa e aprovar por 2/3, pode partir de lá, disse.

**P — Qual a melhor maneira de se convocar essa Constituinte?**

**A.A. —** Eu não sei. Não quero me manifestar porque eu não vou participar do processo.

**P — Sobre o plebiscito?**

**A.A. —** Bem, é uma proposta de Célio Borja. Eu acho que é uma coisa inteligente. Mas eu acho que é muito voto